



O SER NEGR@ E A IDENTIDADE QUILOMBOLA NA SERRA DO JUÁ EM CAUCAIA-CE

Cláudia de Oliveira da Silva

Luzia Adriana Leite da Costa

Vera Lucia da Silva Matos

Sandra Haydée Petit

Apresentação

Este artigo apresenta resultados da nossa monografia do primeiro Curso de Especialização para Formação de Professores de Quilombo, realizado no Nordeste, pelo NACE — Núcleo das Africanidades Cearenses. Apresentamos aqui uma pesquisa-intervenção de influência sociopoética, fundamentada na perspectiva da pret@gogia¹ e realizada na comunidade Serra do Juá — Caucaia-Ceará. O tema pesquisado foi **O Ser Negro e o ser Quilombola** na visão dos moradores.

A Serra do Juá é uma pequena comunidade remanescente de quilombo, onde a maioria de seus moradores pertence a duas famílias, os Barbosa e os Nascimento.

A situação problema posta para nós nessa pesquisa diz respeito à necessidade de fortalecimento da conquista do seu reconhecimento. Os moradores da Serra do Juá vêm passando por dificuldades e aderindo ao êxodo rural em busca de novas oportunidades e melhores condições de vida. Precisam despertar para a autodefinição, como negros e quilombolas, através da valorização de suas raízes,

¹ Pedagogia de pretos, para pretos e brancos, um novo referencial teórico-metodológico para formação de professores/as, criado no contexto da educação quilombola pelas professoras doutora Sandra Haydée Petit e mestre Geranilde Costa e Silva. Para detalhes, vide artigo destas autoras indicado na nossa bibliografia.

história e patrimônio cultural presente nos costumes desse povo. Ora, percebemos que o reconhecimento da comunidade como remanescente de quilombo só será real quando os moradores passarem a primeiro se autorreconhecerem como tal, partindo então para a mobilização pelos seus direitos políticos e socioculturais. Daí questionarmos: O que é ser negro e ser quilombola neste contexto?

A relevância social desse tema reside na necessidade de se discutir a consciência do ser negro e ser quilombola, no contexto da implementação da Lei Nº 10.639/03 que pretende promover a igualdade racial nas escolas, levando-nos a refletir sobre o respeito à diversidade.

Os procedimentos desse trabalho foram: visitação às famílias para conversas informais, vivências sociopoéticas, fotos, filmagens, entrevistas individuais e coletivas e pesquisa bibliográfica. A pesquisa foi realizada entre os meses de janeiro a maio de 2011, com base nas observações e eventos promovidos pelas pesquisadoras e copesquisadores. O ponto central da pesquisa foi a consciência do ser negro e sua herança afrodescendente na comunidade Serra do Juá, descoberta por meio das referidas atividades e anotações de cunho histórico e ancestral.

Aspectos Identitários e Elementos das Africanidades em Nossas Vidas

Diante do tema escolhido por nós pesquisadoras, achamos por bem resgatar nossa identidade étnico-racial para, a partir de nossa história e de nosso autorreconhecimento, iniciar um diálogo com @s copesquisadores/as sobre a importância do ser negro e da autoafirmação do ser quilombola, já que esse pertencimento foi para nós motivo de orgulho da nossa cor, nossa cultura e nossa ancestralidade.

Na perspectiva da pret@gogia, referencial do referido Curso de Especialização, percebemos a importância de

pesquisar *da porteira de dentro*, ou seja mostrando às/aos copesquisadores/as quem somos nós e a nossa relação com a africanidade e os quilombos, já que duas das pesquisadoras são quilombolas, Cláudia do quilombo de Serra do Juá e Adriana do quilombo de Porteiras².

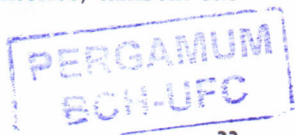
Durante o Curso, todos começaram a pesquisa por um levantamento dos saberes relacionados à negritude mediante árvore de saberes, metodologia conduzida pela professora Sandra Petit, a partir de uma recriação de ideias e práticas de Jacques Gauthier e Pierre Lévy. Graças a esse levantamento, escrevemos um memorial. Aqui apresentamos um recorte dos nossos memoriais em que reconhecemos nossa história para melhor compreender a d@s copesquisador@s.



I

Sou Claudia Oliveira
Moro em Serra do Juá
Comunidade quilombola
No estado do Ceará
Um lugar encantador
Onde eu gosto de morar.

² Comunidade vizinha a Serra do Juá e com fortes ligações de seu povo. Além de serem próximos seus territórios, também são próximos de herança ancestral familiar.



II

Aqui vivo feliz
Desde o dia em que nasci
Os costumes afros
Com meu povo aprendi.
Vivendo africanidade
Que só agora descobri.

III

Cresci aqui na Serra
Com as tradições do lugar
A vida era muito difícil
Mas dava pra se alegrar
Trabalhando desde cedo
Também tive que estudar.

IV

Passando dificuldades
Desde cedo a trabalhar
Ajudando meu paizinho

V

Homem de grande valor
Trabalhou de sol a sol
E nos deu o seu amor.

VI

Cresci ouvindo as histórias
As lendas e superstições
Sentados ao redor dos mais velhos
Proclamando a união
Das famílias e vizinhos
Lembro com muita emoção.

VII

Quando eu ia dormir
Meu pai me contava histórias
Falava-me coisas bonitas
Cantava belas canções
Ainda sinto saudades
Das boas recordações!

VIII

No curso de Africanidades
Descobri minhas raízes
Os costumes que praticava
E minha herança ancestral
O meu pertencimento negro
E identidade racial.

Cláudia Oliveira

Sou Luzia Adriana Leite da Costa da comunidade de Porteiras em Caucaia-Ceará, e tenho muitas lembranças no meu tempo de criança. Nós brincávamos de pega-pega, cirandas, amarelinha e muito mais.

No tempo das quadrilhas, faziam a fogueira e muita gente ia para minha casa. Meu pai fazia adivinhações ao redor da fogueira e até hoje tenho muitos primos de fogueira, outros têm madrinha ou padrinho de fogueira. Daí o meu primeiro contato relacionado à africanidade que eu ainda não sabia.

Minha família materna e paterna sempre teve preconceito com a cor negra, de tanto eu ver e ouvir certas histórias ridicularizando a negritude, sempre questioneei e mostrava a eles onde tinham o traço negro, por isso fui mal interpretada e às vezes me perguntavam: "Por que você gosta tanto de negros?" Eu percebia a desigualdade e o preconceito e nunca aceitei tratar as pessoas com discriminação ou inferioridade.

Em 2010 surgiu o projeto Mova Brasil em parceria com a Petrobras e Instituto Paulo Freire. Formei essa turma em minha localidade porque o projeto era para as comunidades que estavam em processo de reconhecimento de quilombo.

Com os alunos, desenvolvemos o estudo da comunidade juntamente com a Secretaria de Articulação e Ação Social. Por estar envolvida com movimentos de comunidades quilombolas fui convidada a participar do curso em Novo Oriente.

Para mim é muito gratificante saber que eu sempre me identifiquei com as culturas negras: as cores, as comidas, as cantigas de rodas e outros aspectos, é minha herança africana, que trago na minha história e em minhas vivências.

I

Na vida do simples casal
Seu José e dona Raimunda Matos
Numa noite muito estrelada
Aconteceu um alegre fato
Nascia uma linda criança
Vera Lúcia da Silva Matos.

II

Aqui eu gostaria de falar,
De algo que não tinha noção.
Dessa minha pele negra
Que era a minha identificação
Pois ser negro não é defeito
É a identidade de uma nação.

III

É que minha ancestralidade
Então, essa nada conhecia.
A minha ascendência negra
Essa também desconhecia
Sabia pela pele escura
Que à raça negra eu pertencia.

IV

Foi com muita alegria
Que um dia a Diretora me convidou
Para fazer esse curso de História
Da cultura africana e falou:
Depois que concluir esse curso
Você será um novo professor.

V

Foi pensando em entender melhor
A história do negro lutador
Que pensei em fazer esse curso
E me aprofundar em seu teor
Para transmitir esse conhecimento
Para o jovem de hoje, transformador.

VI

Ensinar História pro meus alunos
Me deixou realizada
Vivenciar a história em um Quilombo
Me tornei mais aperfeiçoada
Pois Bom Sucesso e Minador em Novo Oriente
São quilombos abençoados

VII

Não gosto nem de lembrar
Das injustiças praticadas pela nação
Sempre marginalizando o negro
Que saía da escravidão
A procura de liberdade
Sempre desejando a abolição.

VIII

Hoje cursando essa especialização em História
Vejo que quase nada sabia do negro sofredor
Pois para mim não havia importância
De conhecer sua vida, sua dor
Agora aceito e respeito
Sua crença, sua história e sua cor.

IX

A inesquecível professora Sandra
Negra de pulso e coragem
Orientou todos os alunos
Com carinho e camaradagem.
Hoje sou outra pessoa
Quilombola e com nova aprendizagem.

X

Agora veio o memorial
Que mexeu com todo o meu passado.
Eu pensava dias e noites
Como terminar esse danado
E foi com muita determinação
Que eu concluí sem ter endoidado.

XI

Aqui termino o meu memorial
Que muito me emocionou
Pois meus saberes adquiridos

Dessa negritude não acabou
Agradeço de todo coração
A você amigo quilombola leitor.

Dialogando com Alguns Autores Sobre o Ser Negro

Aprofundar mais um pouco os estudos sobre o Ser Negro, nos possibilitou descobrir diversas formas de preconceito e como ele se manifesta na sociedade. O preconceito aparece em atitudes, estereótipos, sentimento e preferências, dando fortalecimento à discriminação através de comportamentos, agressões verbais, rejeição, impedimento de participação em alguma atividade, etc.

Para Santos (2003, p.55 APUD ANDRÉ 2008, p.35) o “ser” negro é visto, historicamente, como um fenômeno negativo e, por isso necessitou ser explicado pela igreja, e pelas disciplinas acadêmicas: biologia, geografia, etnologia, antropologia, direito, dentre outras, pois era tido como anormal. De acordo com registros de viajantes à África negra, essa população foi considerada impura. Essa ideia era reforçada pela igreja que portadora da autoridade da obra divina, considerava o negro como herdeiro de Cam (*sic*) e também pela biologia, que lhe atribuía uma “natureza” negativa. A partir dessas perspectivas, o negro é estudado como um “fenômeno diferente” ora analisado como “criação divina”, ora como “obra da natureza”, mas sempre interpretado como defeituoso. Essas explicações passaram a ser registradas como justificativas para naturalizar a inferioridade do negro nos aspectos intelectual, emocional e social por conta de sua origem africana, tida como primitiva e animal. Sua terra natal “era considerada como a terra do pecado e de imoralidade geradora de homens corrompidos” e “a cor que os distinguia dos brancos era estranha e pedia explicação”.

Segundo Maria da Consolação André (2008, p.15):

O negro na atual sociedade brasileira se encontra nas diversas configurações grupais: quilombos, mocambos, comunidades negras rurais e em sua maioria em favelas e nas periferias de todos os estados, vivendo praticamente invisíveis por suas posições sociais e pela sua cor.

Souza (2008) afirma que a negritude é compreendida como um conjunto de atributos físicos, materiais e simbólicos que une um sentimento e legitima a luta pela auto-afirmação das identidades negras. Isso condiz com a realidade das pessoas da comunidade Serra do Juá que até pouco tempo atrás viviam inertes em relação aos seus direitos e melhores condições de vida através de sua ascendência quilombola.

Mas mesmo inconscientes de sua ancestralidade, as pessoas praticavam manifestações religiosas e culturais de matriz africana. Seus costumes, culinária, medicina alternativa e vivências, baseiam-se nos valores civilizatórios afro-brasileiros.

Cada um de nós tem um jeito próprio de ser, falar, se vestir, se alimentar, dançar e rezar, de acordo com os nossos costumes e o nosso convívio com as outras pessoas e com o lugar onde vivemos.

Cada nação também tem o seu jeito de ser que chamamos de cultura. As culturas africanas foram algumas das principais culturas que construíram o ser brasileiro. A subjetividade da raça negra se fundamenta na memória e história de nossa gente, elaborada em outros tempos e atualmente.

Para Munanga (2009), a construção da identidade se dá ao se tomar consciência de que somos diferentes e vivemos em ambientes socioculturais diversos e também por uma auto-atribuição do próprio grupo, e a que é atribuída pelos outros.

O histórico de um povo é muito importante porque forma a base cultural e constitui-se de vários elementos relacionados à sua identidade coletiva. Isso se dá através do resgate ancestral que busca a história dos antepassados mais distantes. Quando esse povo tem consciência de sua história, adquire uma relação de segurança mais firme e torna-se motivo para transmiti-la às novas gerações.

Como se percebe, o conceito de identidade recobre uma realidade muito mais complexa do que se pensa, englobando fatores históricos, psicológicos, linguísticos, culturais, político-ideológicos e raciais (MUNANGA, 1988, p.143-146, *apud* MUNANGA 2009).

A consciência histórica é um fator importante para a preservação da memória coletiva e percebe-se que é mais forte em algumas comunidades, como por exemplo: as comunidades que apresentam fortes traços da religiosidade devido aos mitos de origens que são repassados pela oralidade em suas práticas de culto.

Vale ainda salientar que a consciência histórica fortalece o movimento negro, consolidando ainda mais a identidade e os aspectos culturais da negritude. Também podemos dizer que a linguagem é um fator importante de identidade em suas diversas formas de comunicação através do cabelo, penteado, estilos musicais, corporeidade, vocabulário e expressões linguísticas, e que essas manifestações identitárias devem ser valorizadas pela comunidade.

Vivências das Pesquisadoras com @s Copesquisadores/as

A pesquisa foi realizada em quatro momentos de vivências, com crianças, jovens, adultos e idosos, em que buscamos de forma espontânea e dinâmica, o conceito do

ser negro e ser quilombola do grupo-alvo. Também foram realizadas algumas intervenções para discutir com a comunidade o que pensam alguns autores em relação à negritude.

No primeiro momento, visitamos algumas famílias para uma conversa informal e nos apresentamos deixando as pessoas bem à vontade para tirarem suas dúvidas. Buscávamos, assim, uma maior aproximação com elas de forma que se sentissem motivadas a participar dos momentos seguintes. Pedimos o apoio da moradora Maria da Conceição, uma liderança importante da comunidade, que logo se prontificou a nos ajudar na divulgação do próximo evento.

O segundo momento foi quando reunimos a comunidade na Escola Maria Iracema, para iniciarmos atividades baseadas na sociopoética, procurando diagnosticar o que é ser negro e ser quilombola na Serra do Juá. Primeiro, realizamos uma vivência com balões coloridos para que todos se ajudassem, a fim de permanecer com todos os balões cheios e flutuando no ar. O objetivo dessa vivência foi o entrosamento, o relaxamento e a promoção do valor de solidariedade entre os participantes já que todos tinham de se preocupar em manter os balões no ar, não somente o próprio. Esse momento nos levou a refletir sobre o quilombo, as formas de solidariedade que há entre todos. Depois, nós realizamos o quadro dinâmico, uma técnica sociopoética inspirada em Augusto Boal. O grupo foi dividido em quatro subgrupos, segundo as cores dos balões. Cada subgrupo construiu um conceito de ser negro com o corpo, realizando esculturas corporais que formavam um quadro. O quadro ia aumentando e mudando conforme os subgrupos se incorporavam nas esculturas iniciais. As verbalizações sobre o sentidos atribuídos aos quadros corporais foram analisadas por nós.



O terceiro momento aconteceu também na escola, com um diálogo sobre a história e memórias de cada participante, seus costumes e tradições, lembrando também elementos das entrevistas realizadas e introduzindo algumas perguntas aos participantes do grupo com a finalidade de descobrir o que pensam sobre o ser negro e ser quilombola na comunidade Serra do Juá.

Nessa conversa ficou entendido que a maioria das pessoas da comunidade é descendente de Maria Iracema do Nascimento, matriarca, patrona da escola e líder comunitária. Ao iniciarmos a pesquisa, ela ainda estava lúcida, mas meses depois contraiu uma virose e faleceu.

O quarto momento foi uma grande festa de brincadeiras, vivências e comidas típicas, realizada com outro grupo de pesquisa do nosso Curso, que investigava brincadeiras no quilombo e convidou alguns africanos que ensinaram de forma interventiva suas brincadeiras e danças, as quais foram comparadas com algumas brincadeiras afro-brasileiras mostradas pela comunidade.

Após as brincadeiras, a professora Sandra Petit³, nos ajudou na realização da técnica sociopoética do corpo coletivo. Após relaxamento em que foram convidadas a viajar pela imaginação e relacionarem o ser quilombola a uma parte do corpo, as pessoas confeccionaram um personagem coletivamente a partir das partes selecionadas. O personagem foi denominado “Pai José, o Chefe do Quilombo.”



Enfatizando a circularidade deu-se início a uma conversa com o personagem em que surgiram muitos questionamentos para o “Pai José” que era respondido por qualquer pessoa do círculo que se sentisse à vontade para falar sobre o assunto. O trabalho com Pai José teve a intenção de problematizar e levantar conceitos sobre o ser quilombola.

³ Dr^a Sandra Petit, professora da Universidade Federal do Ceará, Coordenadora do Núcleo das Africanidades Cearenses — NACE e Orientadora deste trabalho.



Junto com Sandra Petit, procuramos motivar a participação de todos, para trazer os seus questionamentos ao personagem criado e, com ajuda dos recursos sociopoéticos, os participantes realizaram um diálogo com diversos questionamentos ao Pai José, como vemos a seguir nas perguntas e respostas:

Pai José por que você tem braços tão fortes? Pai José representado por um voluntário disse: *Porque é para lutar por vocês.*

- Por que você tem tantas mãos e dois corações? *Para abraçar a todos e os seus descendentes e os dois corações são para caber todos vocês.*
- O senhor está feliz como representante do quilombo? *Sim. Porque o chefe é o rei.*
- Por que você tem uma boca tão grande? *Para me comunicar com todos e pedir proteção aos deuses. Mas diante de tanta grandeza, fico triste porque eu batalho muito e poucos ajudam. A comunidade ainda não está unida o suficiente para buscar as melhorias de nosso povo.*

- Pai José, o que é mesmo ser quilombola? *Ser quilombola é ser um povo trabalhador, lutador, incentivador e não desistir de seus sonhos.*
- Por que no teu corpo existem várias partes como: dois corações, muitas mãos, muitas bocas? *Porque representa as muitas cores e as raças.*
- Pai José, diante de tanta dificuldade você já chorou? *Sim. Porque me sinto triste com as dificuldades e meu sonho é educar o quilombo para que ele cresça e desperte os sonhos e os desejos de crescimento de nossos descendentes.*

O resultado foi muito bom, porque as pessoas se envolveram na atividade e percebemos que a comunidade escolar vem introduzindo a valorização da cultura local no dia a dia escolar, mostrando que os costumes do povo da comunidade tem origem afrodescendente e se sensibilizando a respeito da implementação da Lei 10.639/03⁴, e abolindo as práticas discriminatórias e racistas presente no cotidiano procurando garantir o direito à educação de qualidade para tod@s.

Conclusão

A realização dessa pesquisa nos possibilitou mais conhecimentos sobre o ser negro e ser quilombola na comunidade Serra do Juá. Foi de difícil compreensão a linguagem usada por alguns autores que lemos, a disponibilidade do tempo para nos dedicarmos inteiramente às leituras, organizar e descrever as ideias dos textos comparando-as com a pesquisa empírica realizada na comunidade. De acordo com

⁴ Lei 10.639/03, que promove a valorização e o reconhecimento da diversidade étnico-racial e cultural

nossas leituras percebemos uma aproximação com as atitudes d@s copesquisadores/as, sem dúvida, os autores nos trouxeram inúmeras informações e ampliaram nosso conhecimento sobre o assunto. Hoje, podemos falar com mais propriedade sobre o ser negro e também compreender o modo de vida das pessoas da comunidade Serra do Juá.

Na pesquisa de campo também deparamo-nos com dificuldades: resistência das pessoas em autorizar fotos e filmagens, mas a gratificação dos resultados obtidos com os trabalhos desenvolvidos e a participação d@s copesquisadores/as nos recompensa dos sacrifícios encontrados.

A princípio percebemos um bloqueio dos copesquisadores ao falar do ser negro, mas durante a pesquisa foram visíveis as mudanças do grupo e seu comportamento mais maleável diante de suas respostas, participação e aceitação de sua origem afrodescendente.

O presente trabalho trouxe a público os frutos de nossas vivências com a comunidade e os moradores locais. Também tivemos a intenção de contribuir com o desenvolvimento de uma nova visão sobre o pertencimento da identidade afrodescendente dessa comunidade.

Se pudéssemos dar continuidade à pesquisa gostaríamos de um envolvimento maior das pessoas, realizávamos mais intervenções como pesquisa na comunidade de objetos, costumes, crenças, dizeres e outras expressões culturais afrodescendentes, atividades práticas com as crianças e os jovens vivenciando o ser quilombola, palestras e feiras de exposição com elementos da cultura afro-brasileira. Também proporcionaríamos debates com representantes do Movimento Negro sobre políticas públicas e recursos para melhorar a situação de vida dos moradores, contribuição para a implementação de Lei Nº 10.639/03 na escola E.E.I.E.F. Maria Iracema do Nascimento e influenciariamos

também o resgate do Bumba-meu-boi, Reisado e outros eventos de origem africana que já existiram na comunidade.

A partir dessa pesquisa criamos também um produto didático (livro) que apresenta histórias, costumes, problemáticas, textos, poesias, músicas e várias dicas pedagógicas para se trabalhar na escola e na comunidade. Servirá de apoio ao professor/a para que ele/a possa promover a valorização da cultura da comunidade e ampliar os conhecimentos sobre a identidade quilombola.

Esperamos que tanto nossa monografia como nosso produto didático sejam bem utilizados por todos como ferramenta de estudo e pesquisa e sirva de incentivo para as outras comunidades quilombolas.

Bibliografia

ANDRÉ, Maria da Consolação. *O ser negro: a construção de subjetividades em afro-brasileiros*. Brasília: LGE Editora, 2008.

FAZZI, Rita de Cássia. *O drama racial de crianças brasileiras: socialização entre pares e preconceito* — Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MUNANGA, Kabengele. *Negritude, usos e sentidos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. PETIT, Sandra Haydée e SILVA Geranilde Costa e: Pret@gogia: referencial teórico-metodológico para o Ensino da História e Cultura africanas e dos afrodescendentes. In: CUNHA, Henrique, NUNES Cicera e SILVA, Joselina da (orgs). *Artefatos da Cultura Negra no Ceará*. UFC, Fortaleza, 2011, p.73-101.

SOUSA, Antonio Vilamarque Carnaúba de. *Afro-cearense em construção: Discursos identitários sobre o negro no Ceará*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2008.